

## AS MIGRAÇÕES DE HAITIANOS NA GUIANA FRANCESA: NOVAS DINÂMICAS

*Stéphane Granger<sup>1</sup>*

**RESUMO:** A Guiana Francesa, tradicional refúgio de migrações haitianas, surinamenses e brasileiras no Norte da América do Sul, vem conhecendo desde 2015 um aumento significativo da imigração haitiana, bem como novas migrações africanas e sírias. Se antigamente essas migrações chegavam pelo Suriname, porta de entrada das migrações caribenhas por conta de sua situação de interface entre os mundos amazônicos e caribenhos, elas agora também transitam pelo Brasil, país que se tornou recentemente um novo destino da emigração haitiana. Os novos migrantes haitianos estão agora buscando, além desse novo caminho, uma nova maneira de permanecer no território franco-guianense, pelo pedido de asilo político. O objetivo deste artigo, a partir de fontes estatísticas, pesquisas recentes, artigos da imprensa e estudos de campo, é o de analisar as novas dinâmicas das migrações haitianas na Guiana Francesa. Dentro de um contexto de alteração dos fluxos migratórios tradicionais, tentaremos explicar as novas estratégias dos migrantes haitianos para chegar e permanecer na Guiana Francesa, fazendo uso tanto da nova interface constituída pelo Brasil quanto de falhas da legislação francesa em relação aos estatutos migratórios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migrações; Fronteiras; Guiana Francesa; Haiti; Brasil; Suriname.

## HAITIAN MIGRATIONS IN FRENCH GUIANA: NEW DYNAMICS

**ABSTRACT:** French Guiana, a traditional receptacle of Haitian, Surinamese and Brazilian migrations in North South America, has since 2015 witnessed a significant increase in Haitian immigration, as well as new African and Syrian migrations. If in the past these

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pela Universidade de Paris 3 Sorbonne-Nouvelle, e pesquisador associado ao OHM Hommes-Milieux, CNRS, França. E-mail: granger.stephane@orange.fr

migrations arrived in Suriname, the gateway of the Caribbean migrations due to their interface between the Amazonian and Caribbean worlds, they now also transit through Brazil, a country that has recently become a new destination for Haitian emigration. The new Haitian migrants are now, in addition to this new path, trying to find a new way of staying in French-Guyanese territory, for the application for political asylum. The aim of this article is to analyze, on the basis of statistical data sources, recent research, leading articles and field studies, these new dynamics of Haitian migrations in French Guiana. Within a context of changing traditional migration flows, we will try to explain the new strategies of the Haitian migrants for arriving and staying in French Guiana, using both the new interface made up of Brazil and the flaws of the French legislation regarding the migratory statutes.

**KEYWORDS:** Migrations; Borders; French Guiana; Haiti; Brazil; Suriname.

## INTRODUÇÃO

### UM NOVO CONTEXTO MIGRATÓRIO NA GUIANA FRANCESA

Território francês de ultramar situado na costa Norte da América do Sul, a Guiana Francesa é, desde 1964, com a construção do centro espacial de Kourou, um destino tradicional de migrações: 37% da população é composta por estrangeiros, segundo o último censo oficial, sem falar da presença marcada de uma população clandestina, o que se explica tanto pela porosidade das fronteiras deste território, muito mais rico que seus vizinhos, quanto por sua situação de território francês, beneficiado pelas redistribuições nacionais e europeias (GRANGER, 2016).

Essas migrações são principalmente caribenhas: Haiti e República Dominicana, além de pequenos fluxos oriundos de ilhas anglófonas das Antilhas, e vindos dos países vizinhos das Guianas: Suriname e República da Guiana. Mas essa situação de interface também faz da Guiana um destino de migrações sul-americanas: brasileiras, colombianas e, mais recentemente, peruanas, além de venezuelanas, desde a crise política e econômica (ver quadro abaixo).

Assim, os fluxos brasileiros, de início essencialmente fronteiriços e ligados a trabalhos manuais no litoral (a parte povoada e explorada da Guiana Francesa), foram sendo reduzidos. Segundo informações

dadas pelo Consulado-geral do Brasil em Caiena e a Polícia francesa das Fronteiras (PAF), tais fluxos agora dizem respeito principalmente a garimpeiros vindos do interior, em sua maior parte naturais do Maranhão, como também é o caso com o vizinho Suriname. Os fluxos colombianos, por sua vez, quase desapareceram, apesar de tentativas dois anos atrás de algumas famílias de obter, sem sucesso, o estatuto de refugiados políticos, devido à situação de guerra civil do país.

Os fluxos haitianos e dominicanos, pelo contrário, permaneceram, não só chegando frequentemente pelo Suriname, como antigamente, mas agora também pelo Brasil. Pois o Brasil também se tornou a porta de entrada de novos fluxos de origens mais remotas, como a África (Marrocos e África ocidental) e o Oriente Médio, principalmente a Síria. Isso confirma a situação deste país como etapa de novas migrações em direção à Guiana Francesa, mesmo que este não tivesse sido o destino inicial desses migrantes (GRANGER, 2014).

Devido ao forte caráter de segredo das estatísticas nacionais, inclusive no setor escolar, no qual os dados relativos a nacionalidade e etnia são proibidos, bem como pelo fato de se tratar de migrações informais, não se pode quantificar adequadamente a proporção desses fluxos recentes. Segundo o instituto nacional francês de estatísticas INSEE, 29,0 % dos 252.338 habitantes da Guiana Francesa eram em 2014 considerados imigrantes, isto é, estrangeiros nascidos num país estrangeiro (INSEE, 2017). Mas este número precisa ser relativizado: nessa categoria não aparecem os filhos de estrangeiros nascidos em solo francês. Além disso, entre 18 a 21% da população da Guiana Francesa vive em situação de ilegalidade, e nem sempre é levada em conta e registrada pelos censos oficiais (PIANTONI, 2011).

Se oficialmente os surinamenses constituem a primeira nacionalidade estrangeira registrada na Guiana Francesa, a população haitiana é a segunda, com 15.880 pessoas (INSEE, 2012). Mas algumas fontes da *Préfecture* (representação do Estado francês em Caiena) e das ONG locais apontam uma população haitiana que chegaria a 20.000 pessoas, legalizadas ou clandestinas. O deputado nacional Gabriel Serville, baseando-se também nos pedidos de asilo e no número médio de filhos por família, estima que

o número de haitianos fica em torno de 25.000 (CARTESSE, 2016). As estimativas do pesquisador Frédéric Piantoni até certo ponto confirmam as de Serville, apontando uma população haitiana de 23.654 pessoas em 2009, o que a torna a nacionalidade estrangeira mais populosa na Guiana Francesa, à frente dos surinamenses, desse modo constituindo 30% dos estrangeiros e mais de 10% da população total do país (PIANTONI, 2011).

	1974	1982	1990	1999	2009
<b>População total</b>	57.348	73.012	114.808	157.274	229.000
<b>População estrangeira</b>	8.041 (14% da pop. total)	17.346 (24% da pop. total)	37.286 (32% da pop. total)	46.576 (30% da pop. total)	77.704 (34% da pop. total)
<b>Brasileiros</b>	1.559 (33,16%)	3.123 (18,51%)	5.962 (15,99%)	7.171 (15,40%)	17.990 (23,15%)
<b>Haitianos</b>	479 (10,19%)	5.287 (31,34%)	9.263 (24,84%)	14.143 (30,37%)	23.654 (30,44%)
<b>Surinamenses</b>	1.237 (26,31%)	2.453 (14,54%)	13.762 (36,91%)	17.654 (37,90%)	19.748 (25,41%)

Quadro 1. Evolução das populações de nacionalidade brasileira, haitiana e surinamense de 1974 a 2009 em relação à totalidade da população estrangeira na Guiana Francesa. Fonte: Frédéric Piantoni (2011, p. 32), estimativas a partir dos censos INSEE.

Essa evolução traduz tanto uma notoriedade maior da Guiana Francesa dentro de um continente ao qual durante muito tempo virou as costas, como segue a evolução política (fechamento dos Estados Unidos, emergência do Brasil) e econômica (crises, impactos de catástrofes naturais) dos países envolvidos (GRANGER, 2016).

## NOVOS CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO HAITIANA

Assim, a imigração haitiana é agora uma das mais importantes na Guiana Francesa, apesar de ser também bastante recente, tendo se tornado

significativa só a partir dos anos 1980. Os primeiros haitianos vinham principalmente do Sul, de Aquin e Jacmel, bem como da capital Porto-Príncipe (HANDERSON, 2015). A forte demanda de mão de obra na construção civil que conheceu a Guiana francesa, após uma modificação estatutária que dava mais poderes ao governo estadual (a *Région*, em 1982), faz com que esses primeiros migrantes tenham chamado familiares da mesma região haitiana. Mas a partir dos anos 90 e da crise econômica que conheceu a Guiana Francesa, em conjunto com os outros territórios ultramarinos, as condições de entrada se endureceram e as autoridades francesas, apoiadas pela população local também vítima de um forte desemprego, praticaram uma política de forte repressão e expulsões não só contra haitianos como os demais clandestinos, principalmente surinameses e brasileiros (LAETHIER, 2011).

Esse endurecimento das condições de entrada fez com que os haitianos buscassem passar pelo Suriname para tentar chegar nas cidades franco-guianenses oferecendo as melhores opções de trabalho: Caiena e Kourou. No começo, o Suriname só pedia dos haitianos um visto de turismo, fácil de obter. Uma vez em Paramaribo por via aérea, os haitianos passavam clandestinamente para a Guiana Francesa, o que se dava com facilidade, devido à porosidade da fronteira (o rio Maroni), e apesar dos numerosos controles da polícia e da *Gendarmerie* (polícia militar) francesas (HANDERSON, 2015).

A vinda dos haitianos foi também facilitada pela entrada do Haiti no CARICOM<sup>2</sup> em 2002, mercado comum caribenho ao qual também pertence o Suriname: todos os Estados membros suspenderam a necessidade de visto entre eles. Assim, a partir do final dos anos 2000, os haitianos chegavam livremente no Suriname, sem visto, e depois tentavam passar clandestinamente para a Guiana Francesa (GRANGER, 2016).

O terremoto de 2010 permitiu uma brecha na repressão francesa, além de ter provocado uma forte emigração de haitianos no Brasil, destino que se tornou mais conhecido e fácil graças à sua atuação na MINUSTAH:

---

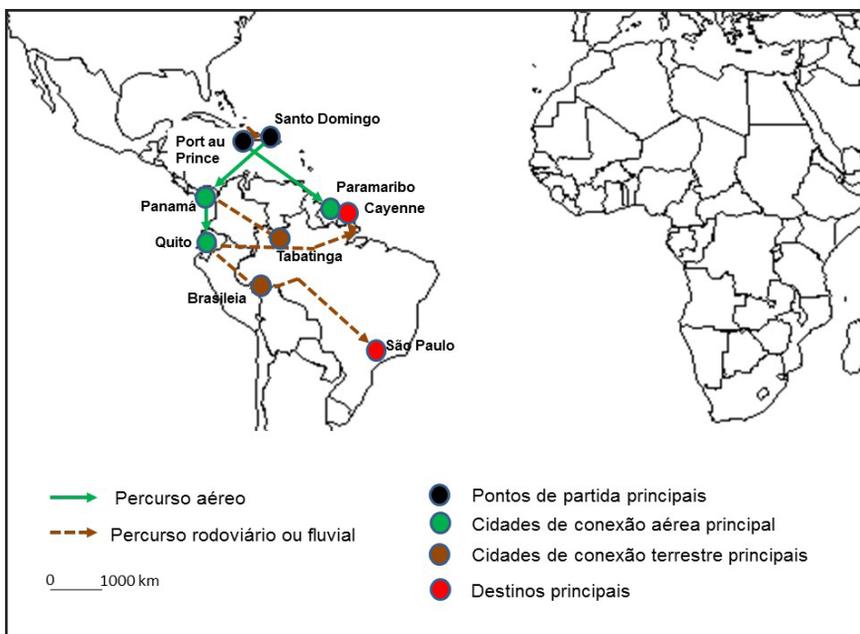
<sup>2</sup> *Caribbean Common Market*, mercado comum dos países anglófonos do Caribe criado em 1973, ao qual se juntaram mais tarde o Suriname e Haiti. Com a República Dominicana, está constituindo o CARIFORUM.

por motivos diplomáticos, o país não podia ao mesmo tempo assumir uma missão militar no Haiti e impedir a entrada de haitianos em seu próprio território, tendo por isso lhes concedido “vistos humanitários” (SANTOS; BURGEILE, 2017).

A forte demanda de mão de obra no Brasil permitiu o emprego de milhares de haitianos, regularizados ou não, na construção civil (equipamentos para a Copa do mundo de futebol de 2014, ou as Olimpíadas de 2016), ou nas fazendas do Goiás ou do Mato Grosso do Sul. Por isso, a porta de entrada dessas migrações, que antigamente passavam por Tabatinga (AM) vindas da Colômbia ou do Equador, foi substituída por Brasileira (AC), passando pelo Peru, com a cidade de São Paulo sendo um dos grandes destinos dessa nova migração (GRANGER, 2014; SANTOS; BURGEILE, 2017). Aliás, até se criou na metrópole paulista um novo bairro “haitiano”, com igrejas onde se reza em crioulo e francês.

Mas a tolerância das autoridades francesas, que provisoriamente concederam com maior facilidade autorizações de permanência na Guiana Francesa após o terrível terremoto de 2010 no Haiti, ofereceu também outras oportunidades para esses haitianos chegados em território brasileiro. Segundo testemunhas recolhidas em Brasileira, alguns haitianos, principalmente aqueles com família já estabelecida na Guiana Francesa, viajaram até Manaus para pegar um navio trazendo-os até Macapá, e entraram na Guiana Francesa pela fronteira do Oiapoque (GRANGER, 2014). Depois, pode-se supor que se hospedaram em bairros mais ou menos informais de Caiena e sua periferia, acolhidos por familiares.

Essa tolerância das autoridades francesas foi de pouca duração. Mas hoje, dois fatos estão reforçando as migrações de haitianos até a Guiana Francesa: o furacão Mathew em 2016, que provocou a fuga de centenas de haitianos do sul do país, e a crise econômica assolando o Brasil, que faz muitos migrantes deixarem o país para tentar a sorte nos EUA, mas também na Guiana Francesa. As autoridades da Polícia federal do Oiapoque, bem como o Centro de cooperação policial de Saint-Georges, cidade franco-guianense fronteira com o Brasil, registraram um aumento recente dos fluxos de haitianos para a Guiana Francesa.



Mapa 1. Os caminhos das migrações haitianas para o Brasil e a Guiana Francesa. Fonte: Stéphane Granger (2014).

Do outro lado da Guiana Francesa, também se constatou um forte aumento de haitianos cruzando ou tentando cruzar a fronteira franco-surinamense: conforme já dito, os haitianos aproveitavam a pertença comum do Haiti e do Suriname ao CARICOM, que suspendeu a necessidade de vistos entre países membros. Depois da testemunha do prefeito de Saint-Laurent, cidade franco-guianense fazendo fronteira com o Suriname à beira do rio Maroni, evocando 4 a 5.000 haitianos refugiados na periferia dessa cidade franco-guianense após ter atravessado o rio, o Estado francês pressionou o governo do Suriname para esse restabelecer o visto de entrada no Suriname para os haitianos, o que foi aceito (GRANGER, 2016). Esse fato, que significou a ingerência de um Estado poderoso na política diplomática de um Estado mais fraco e contradizendo as medidas do conjunto econômico ao qual esse último pertence (o CARICOM),

testemunha a amplitude desses novos fluxos oriundos do Haiti, bem como a preocupação dos Estados envolvidos.

Mas essa amplitude faz com que o Estado francês não tenha mais como expulsar os clandestinos para seus países de origem pela via aérea, como era o caso antigamente, devido ao custo das passagens aéreas. Atualmente, contentam-se em deportá-los até a cidade fronteiriça por onde entraram na Guiana Francesa e, às vezes, foram registrados: Albina, no Suriname, e Oiapoque, no Brasil. O que, dada a forte porosidade das fronteiras, constituídas por simples rios, em nada impede uma nova tentativa de penetrar o território francês no dia seguinte...

## ESTRATÉGIAS NOVAS

Se não é possível quantificar o aumento desses fluxos migratórios por serem eles clandestinos, testemunhas das autoridades policiais e escolares da Guiana Francesa mencionam o aumento recente de prisões de haitianos por falta de documentação. Além disso, foi constatado um grande aumento dos pedidos de escolarização de jovens haitianos, que devem passar pelo CEFISEM<sup>3</sup> para que sejam definidas as estruturas responsáveis por acolhê-los. Os haitianos assim se tornaram novamente a primeira nacionalidade estrangeira escolarizada por essa estrutura, ultrapassando os surinamenses<sup>4</sup>.

Muitos desses haitianos estão agora tentando uma outra maneira de conseguir a regularização: pelo pedido de asilo político. Desde 2015 formam-se filas impressionantes de haitianos, como também de africanos subsaarianos na frente dos escritórios do OFII (Office Français de l'Immigration et de l'Intégration) e da Cruz-Vermelha. Assim, fontes da *Préfecture* mencionam que, em 2016, 88,5% dos pedidos de asilo político provinham de haitianos, muito à frente dos dominicanos e dos bissau-

---

<sup>3</sup> *Centres de Formation et d'Information pour la Scolarisation des Enfants de Migrants*, organismo nacional encarregado de testar o nível de língua e alfabetização de menores estrangeiros recém chegados no território francês. Pois o Estado francês tem a obrigação de escolarizar qualquer jovem até os 16 anos, seja ele regularizado ou não.

<sup>4</sup> Fonte: CEFISEM de Caiena (outubro de 2016).

guineenses. A *Préfecture* registrou, em 2014, 969 pedidos de asilo, 2.651 em 2015; 5.122 em 2016, e os 7 primeiros meses de 2017 já apontam 3 500 pedidos. Mas as capacidades de acolhimento, pela Cruz Vermelha, mal chegam a 150 vagas.

Mas só 2,6% dos pedidos foram satisfeitos, entre os quais 1,5% dos pedidos de haitianos (MAROT, 2017): as atuais condições políticas do Haiti, que não é uma ditadura e tampouco está em estado de guerra, impediram a esses migrantes de conseguir o asilo, diferentemente de alguns migrantes africanos e sírios. Mesmo assim, os pedidos serviram para que ganhassem tempo: o simples pedido registrado no OFII garante uma permanência no território francês sem expulsão possível, além de garantir uma pequena renda, provida pelo Estado francês durante o tratamento do dossiê (de 263 € mensais, um pouco mais de R\$ 900) para solteiros a 700 € (aproximadamente R\$ 2.450) para as famílias com 2 filhos, mas sem que tenham o direito de trabalhar. O processo, que geralmente tem o prazo de 9 a 18 meses devido ao forte aumento constatado, pode acabar garantindo tempo suficiente para que o candidato ao asilo encontre um terreno, uma casa (mas raramente de modo oficial), tenha filhos nascidos ou escolarizados em território francês (o que, ao menos em princípio, impede a expulsão, ainda que isso nem sempre seja respeitado), ou até um parceiro francês, dando assim sinais visíveis de integração, o que facilita a obtenção do visto.

Aliás, essa estratégia dá certo: outras fontes da *Préfecture* indicam que, dos 5.000 estrangeiros expulsos da Guiana Francesa em 2016, só 20% eram haitianos, a maioria sendo surinamenses (40%) ou brasileiros (30%). Essa fraca proporção em relação ao número de haitianos na Guiana Francesa se explica tanto pelo custo da expulsão para o Haiti por via aérea, do apelo à justiça para contestar a expulsão, promovido por associações bem organizadas, o que não é o caso com as brasileiras, quanto, principalmente, pela proteção permitida pelo pedido de asilo político.

Contudo, esses fluxos se tornaram tão intensos que o *Préfet* (representante do Estado francês na Guiana Francesa, responsável pela ordem pública e da administração nacional), decidiu fechar, durante algumas semanas de agosto de 2016, o guichê dos pedidos de asilo, por

conta de seu número excessivo, que tornava impossível conduzi-los devidamente. Este fato, além da visão de filas de centenas de pessoas que se sabe não possuem condições de conseguir esse asilo, bem como do aumento de invasões em áreas periféricas e até perigosas, de desmatamentos selvagens em áreas ambientais protegidas como em Baduel, perto do centro de Caiena, que triplicou sua população desde 2015 (FERRARINI, 2017), estão gerando uma certa xenofobia crescente, inclusive por parte de migrantes já regularizados, tendo o *Préfet* respondido também a uma demanda da classe política e de algumas associações, como os *500 Frères*.<sup>5</sup> Essa milícia informal fechou, em 26 de outubro 2017, sem legitimidade e pela força, o guichê do OFII e o centro de acolhimento da Cruz Vermelha, aproveitando a visita do presidente francês Emmanuel Macron, para atrair a atenção ao problema. Mas essa ação mostra o perigo do problema, que está começando a gerar tensões étnicas desconhecidas, devido à fraca importância numérica das populações nativas (45% de crioulos, ou seja, mestiços afrodescendentes, índios de 7 etnias diferentes e quilombolas) e à imensidão e ao vazio do território<sup>6</sup>.

Ao que tudo indica, os haitianos na Guiana Francesa, apesar das péssimas condições de vida que podem ter populações clandestinas, mesmo que num país considerado rico (moradias que são fruto de invasões, perseguições policiais...), preferem ficar em território francês, custe o que custar. A exploração clandestina de uma pequena roça, cada vez mais numerosa inclusive em lugares protegidos ou perigosos, permite a subsistência, o objetivo sendo conseguir 10 anos de permanência no território francês, que permitirão a obtenção da famosa *carte de séjour*, o documento oficial autorizando permanência e trabalho na França

---

<sup>5</sup> “500 irmãos”, associação de policiais (anônimos) ou ex-policiais, mascarados, quermascaradaendo oficialmente apoiar as ações da polícia e da *Gendarmerie* (polícia militar francesa) de forma não violenta. Denunciada como milícia, essa associação, que teve destaque no famoso movimento social de março-abril de 2017 na Guiana Francesa, bloqueou durante um dia os consulados do Haiti e do Suriname, países acusados de não terem assinado um acordo de extradição e readmissão dos clandestinos e ex-presidiários com a França.

<sup>6</sup> As estatísticas étnicas e raciais estão proibidas na França. Baseando-se no lugar de nascimento, o INSEE estima os franco-guianenses nativos em 45% da população, e os outros franceses (metropolitanos e antilheses) em 20%, sendo os demais estrangeiros 35% da população).

(PALISSE, 2016). Se forem expulsos (caso só dos candidatos não sucedidos), só serão deportados até a fronteira, de onde é fácil voltar de novo.

Por isso, o governo francês, através do OFII, para tentar resolver o problema migratório numa região e no país com um forte desemprego, adotou uma política de apoio à volta de migrantes (*“aide au retour”*), de modo a auxiliar o retorno aos países de origem. Assim, o OFII da Guiana Francesa assinou convênios com órgãos e empresas no Haiti para favorecer a reinserção desses migrantes que retornam, chegando inclusive a fornecer auxílio financeiro para a criação de empresas. Porém, apenas 133 candidatos se apresentaram, o que é um número muito pouco significativo em relação aos pedidos de asilo, que em sua maior parte não serão concedidos (FERRARINI, 2017).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fica claro que a Guiana Francesa conhece uma situação de interface entre os mundos europeus, caribenhos e sul-americanos, o que provoca numerosos fluxos migratórios devido a sua situação de porta giratória com relação ao Suriname e ao Brasil, primeiras etapas dos fluxos com destino a esse território francês e europeu na América do Sul. Assim, fluxos que passavam – e continuam passando – pelo Suriname, agora também passam pelo Brasil, país que foi outro destino de permanência ou de trânsito, em conjunto com fluxos oriundos da África do Norte ou do Sul do Saara, bem como do Oriente Médio. Esses fluxos, principalmente haitianos, fizeram com que a população da Guiana Francesa crescesse em mais 6% desde 2015.

Mas a proximidade entre a cultura haitiana e a cultura crioula da Guiana Francesa, que é majoritária, embora não seja a única, a semelhança dos sobrenomes e dos tipos físicos com os de grande parte da população franco-guianense de origem crioula, bem como a assimilação decorrente do sistema escolar francês, ao qual os haitianos são muito agarrados, são fatores que estão pouco a pouco permitindo uma crescente integração, visível por meio da entrada de jovens haitianos da segunda geração nos

mundos profissional, político ou cultural da Guiana Francesa (LAETHIER, 2011).

Porém, a importância dos fluxos atuais, dentro de um contexto de forte desemprego e insegurança na sociedade franco-guianense, pouco numerosa e pouco segura culturalmente, provoca uma intensificação nas formas de controle e repressão dos migrantes, principalmente haitianos, bem como da xenofobia, constatada tanto pela imprensa quanto por pesquisadores como Marianne Palisse (2016). Os migrantes são vistos como os principais responsáveis pela delinquência, o tráfico de drogas e o forte sentimento de insegurança (metade dos presos no presídio de Caiena são estrangeiros), embora poucos sejam os haitianos envolvidos.

Visitando a Guiana Francesa em 27 de outubro de 2017, o presidente francês Emmanuel Macron atendeu ao pedido da classe política local e dos “500 irmãos”, e, referindo-se expressamente aos candidatos haitianos, declarou:

A Guiana Francesa hoje está atrativa demais para os candidatos ao asilo que não precisam de verdade de uma proteção e já vivem em países onde se aplicam regras efetivas de proteção internacional. É o caso dos haitianos, que estão morando no Brasil já há muitos anos [...] Não se pode ter uma situação onde se paga durante doze meses, dezoito, até vinte e quatro meses um subsídio para candidatos ao asilo que seja superior ao salário médio na totalidade dos países vizinhos<sup>7</sup>.

E anunciou, para o maior prazer da plateia, a redução do pagamento do subsídio de candidato refugiado a dois meses. A situação particular da imigração na Guiana Francesa provocou assim uma derrogação das leis nacionais em relação ao asilo político, que também prejudicará os refugiados, bem como as centenas de sírios que chegaram no Brasil desde 2015.

---

<sup>7</sup> Discurso em Caiena, 27/10/2017. Disponível em: <<http://la1ere.francetvinfo.fr/guyane/emissions/guyane-soir>>

Mas a dificuldade de conseguir estatísticas certas, como os novos caminhos e estratégias para conseguir permanecer na Guiana Francesa mostram que a luta dos Estados contra os fluxos migratórios indesejáveis ou informais será vã enquanto persistirem tantas desigualdades dentro dos mundos caribenhos e sul-americanos, com fronteiras mais simbólicas do que dissuasivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTESSE, Océlia. ‘Quel peut être le nombre réel de migrants haïtiens en Guyane ?’. *Guyane la 1<sup>ère</sup>*, 20/10/2016. <http://la1ere.francetvinfo.fr/guyane/quel-peut-etre-nombre-reel-migrants-haitiens-guyane-408391.html>

FERRARINI, Hélène. ‘Immigration : les exceptions ultramarines dénoncées.’ Caiena: *Guyaweb*, 06/10/2017. Disponível em: <<http://www.guyaweb.com/actualites/immigration-exceptions-ultramarines-denoncees/>>. Acesso em 6/10/2017.

GRANGER, Stéphane. ‘L’Amazonie brésilienne, nouvelle interface migratoire entre les Caraïbes et l’Amérique du Sud ?’ *Mercator*, Fortaleza, v. 13, n. 1, p.7-17, 2014.

\_\_\_\_\_. ‘Intégrations régionales et diversification des flux migratoires dans les mondes caribéen et amazonien : la Guyane entre ouverture et isolement’. In: COLLOMB, Gérard ; MAM LAM FOUCK, Serge (dir.). *La Guyane entre Surinam et Brésil: mobilités, ethnicités, diversité culturelle*. Matoury: Ibis Rouge, p. 25-47, 2016.

INSEE. *Panorama de la population immigrée en Guyane*, 2012.

\_\_\_\_\_. *Population par sexe, âge et situation quant à l’immigration en 2014*, Région de la Guyane, 2017.

HANDERSON, Joseph. *Díáspora: As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. Rio de Janeiro. Doutorado em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

- LAETHIER, Maud. *Être migrant et Haïtien en Guyane*. Paris: Éditions du CTHS, 2011.
- MAROT, Laurent, 'La Guyane face à une vague migratoire sans précédent'. *Le Monde*, 25/10/2017. Disponível em: <[www.lemonde.fr/.../la-guyane-face-a-une-vague-migratoire-sans-precedent\\_5205748\\_8](http://www.lemonde.fr/.../la-guyane-face-a-une-vague-migratoire-sans-precedent_5205748_8)>. Acesso em 25/10/2017.
- PALISSE, Marianne. 'Les pratiques agricoles des migrants haïtiens en Guyane: entre insertion et stigmatisation?'. In: COLLOMB, Gérard ; MAM LAM FOUCK, Serge (dir.). *La Guyane entre Surinam et Brésil : mobilités, ethnicités, diversité culturelle*. Matoury: Ibis Rouge, p.189-206, 2016.
- PIANTONI, Frédéric. *Migrants en Guyane*, Arles/Caiena: Actes Sud/Maison des Cultures guyanaises, 2011.
- SANTOS, Ednaldo Tartaglia; BURGEILE, Odete. "O deslocamento espacial de imigrantes haïtianos: da desterritorialização à reterritorialização". *Confins* [Online], 2017. Disponível em: <http://confins.revues.org/12176> . Acesso em 08/10/2017.